

15/7/1986

Muylaert manda ouvir novamente os motoristas que acusaram petistas

SÃO PAULO — O Secretário da Segurança Pública de São Paulo, Eduardo Muylaert, determinou ontem ao Delegado de Polícia de Leme, João Carlos Dias Batista, que ouça novamente os depoimentos dos motoristas Orlando de Souza, João Henrique Cafasso e Ovilso Santos — as três testemunhas que afirmaram à Polícia que foi do Opala do Partido dos Trabalhadores que partiram os primeiros tiros que desencadearam o confronto entre policiais e trabalhadores rurais, na sexta-feira passada, em Leme.

Segundo Muylaert, esses depoimentos — assim como qualquer outro que venha a integrar o inquérito instaurado para apurar os fatos — deverão ser acompanhados por um representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e outro do Ministério Público, além do Promotor de Justiça Francisco Mário Viotti, designado no sábado pelo Procurador Geral da Justiça Paulo Salvador Fronttini.

A decisão foi anunciada à imprensa após uma reunião que durou cerca de uma hora e meia, no gabinete do Secretário, na qual o Deputado e candidato ao Governo do Estado pelo PT, Eduardo Suplicy, o jurista Hélio Bicudo e o advogado do PT e da CUT, Luís Eduardo Greenhalg, que passaram alguns dias em Leme apurando os fatos, apresentaram um relatório denunciando uma série de irregularidades no inquérito.

Os integrantes do PT alegaram que, depois de terem desmentido diante de Suplicy e de oito jornalistas os depoimentos prestados à polícia, as três testemunhas desapareceram de Leme, no dia em que se propuseram a retificá-los na Delegacia. Segundo Suplicy, um fato em especial chamou sua atenção: as testemunhas assinaram os depoimentos sem lê-los e, de acordo com o que afirmaram ao Deputado, foi anotado muito mais do que eles falaram. Além disso, ele disse que, para depor no inquérito, foram selecionadas justamente as pessoas que tinham visto o Opala.

De acordo com Suplicy, até o laudo necroscópico das duas vítimas apresenta irregularidades, como a afirmação de que a bala que matou Cybele Aparecida Manoel — que o Deputado encontrou em poder dos médicos da Santa Casa de Leme — havia desaparecido. A pedido do advogado Luís Eduardo Greenhalg, serão realizados também exames de corpo de delito em outros quatro trabalhadores que, embora feridos, não constam do inquérito como vítimas. O advogado levantou suspeitas quanto à veracidade de um boletim de ocorrência elaborado no dia do conflito no qual o soldado da Polícia Militar Claudio Lima aponta cinco cortadores de cana como autores de uma invasão à sua casa. Entre eles, Reginaldo Querino Lopes, de 17 anos, a quem — segundo ele mesmo denunciou posteriormente — a polícia tentou imputar o porte de uma faca que ele não trazia consigo.

O Delegado Seccional de Polícia de Rio Claro, José Tegero, que vai presidir o inquérito, anunciou que vai começar amanhã a tomada de depoimentos dos feridos durante o choque entre grevistas e a Polícia Militar, além da versão de várias testemunhas e dos dez policiais que participaram diretamente do início do incidente em que morreram duas pessoas. José Tegero, que ontem organizava a pauta dos trabalhos do inquérito, acredita que no prazo regulamentar de 30 dias poderá concluir todo o trabalho de apuração, embora destaque que essa conclusão não implicará, necessariamente, a identificação dos responsáveis.

Ainda de acordo com o Delegado Seccional, as armas dos policiais serão examinadas, para a realização do confronto com as estrias deixadas nos projéteis encontrados no local do tiroteio e no corpo das vítimas.

Além dos que assistiram ao tiroteio, José Tegero ouvirá todas as pessoas envolvidas na tentativa de invasão da casa do PM Cláudio Lima, horas depois do choque entre polícia e grevistas. O Delegado garantiu ontem que as principais testemunhas da acusação aos Deputados do Partido dos Trabalhadores voltaram atrás em seus depoimentos "apenas porque foram pressionadas pelos canavieiros e por elementos do PT". Os motoristas Orlando de Souza e Henrique Cafasso estavam no ônibus que teria sido cercado pelo Opala azul que conduzia os Deputados José Genoíno e Djalma Bon. E disseram, em depoimento na Delegacia, que os primeiros tiros partiram do carro dos Deputados. No sábado, entretanto, desmentiram tudo, segundo sindicalistas e militantes do PT, que com eles conversaram. O delegado Tegero, porém, informou que os dois procuraram a polícia, no domingo, pedindo garantias por se sentirem ameaçados, e foram aconselhados a deixar a cidade temporariamente.

(Página 5)